

**DOMÍNIOS E INTERFERÊNCIAS  
DA LÍNGUA ESTRANGEIRA SOBRE A LÍNGUA MATERNA**

Maria Franca Zuccarello (UERJ)  
[mfrancazuccarello@superig.com.br](mailto:mfrancazuccarello@superig.com.br)

Ao iniciarmos este nosso trabalho, gostaríamos de lembrar que os problemas básicos da aprendizagem de uma língua estrangeira surgem, principalmente, pelos hábitos da língua materna.

Falando em ensino de línguas, em nosso caso específico a língua italiana ensinada a falantes da língua portuguesa do Brasil, não podemos esquecer que a proximidade e a semelhança das duas línguas, contribuem para uma considerável compreensão, que inicialmente pode deixar o aprendiz desinibido, colocando-o como “falso iniciante”, porém, quando o nível de complexidade aumenta, o levam a cometer erros que podem se tornar fossilizáveis dentro da interlíngua por ele criada.

Atualmente o aprendiz de uma língua estrangeira, não é mais considerado como o produtor de uma linguagem repleta de erros, mas como um ser criativo que processa sua aprendizagem através de estágios de aquisição lógicos e sistemáticos. Então, seus erros são analisados como um processo gradual de tentativas de acertos da língua em apreensão que lhe permite hipóteses, e estabelece aproximações ao sistema linguístico dos nativos, levando-o a criar seu próprio sistema linguístico. Esta situação está levando, sempre mais, os pesquisadores da área de Linguística a realizarem estudos da *interlíngua*, baseando-se em pesquisas sobre a análise dos erros, à luz da análise contrastiva, buscando detectar quais fenômenos aproximam a língua usada pelos não nativos àquela dos nativos.

O fenômeno de *transferência* – considerado positivo quando a influencia de L1 sobre a L2 ajuda, e negativo quando esta provoca erros – tem sido muito discutido. Atualmente sabe-se que a transferência é esta reconhecida como um fenômeno provocado por múltiplos fatores que atuam entre si, e a discussão se faz a respeito de quando e porque esta se produz.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Entende-se por transferência o processo que ocorre quando o aprendiz de uma L2, na hora de produzir e processar mensagens, utiliza os conhecimentos linguísticos e as habilidades comunicativas da L1 ou de outra língua previamente adquirida.

Na tentativa de formular uma teoria que explicasse a interiorização e aquisição da L2, muitos estudiosos dedicaram-se à análise da *transferência*, da *interferência* ou *interlíngua* e da *fossilização*. Várias são as tendências que desde então surgiram, umas de tipo condutivista (dos anos 50), outras cognitivistas, sem contar os seguidores da teoria chomskyana com relação à Gramática Universal, tais como: Kean (1986), White (1992), Bradi (1999), Ellis (1994), Gass & Selinker (1994) e outras.

Para os condutivistas o aprendiz de uma L2 tende a transferir as formas e os significados da L1, e as dificuldades ou facilidades de aprender a língua estrangeira são conseqüências diretas das diferenças ou semelhanças existentes entre as duas línguas. Se existirem semelhanças, ao interagir com falantes da L2, o aprendiz poderá transferir estruturas linguísticas e fatores culturais de sua L1, demonstrando que a transferência é devida a fatores a ele externos.

Em final dos anos 60 e início dos 70, os minimalistas negavam e/ou limitavam qualquer possível influência da L1 para a interiorização do sistema linguístico da L2. Segundo estes pesquisadores o aprendiz recorria à L1 quando seus recursos da L2 não lhe permitiam levar adiante seus propósitos comunicativos (aqui a transferência seria uma estratégia de uso da língua), defendendo a hipótese que ele [o aprendiz] criaria seu próprio sistema linguístico, isto é, sua interlíngua, mediante processos de aproximação de elementos da L1 com a L2, e tal comportamento foi chamado de “hipótese da construção criativa”.

Até então se pensava que as dificuldades do aprendiz de uma L2 fossem oriundas de sua língua materna, ou seja, quando havia diferenças entre a L1 e a L2 a primeira interferiria na segunda. Tal processo foi chamado de transferência linguística, e, quando havia formas similares nas duas línguas, pensava-se que a transferência da L1 para a L2 podia ser uma interferência positiva, e negativa quando uma forma da L1 era usada para suprir uma da L2 e levava ao erro.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

A análise de erros demonstra diferenças significativas entre a produção linguística de um aprendiz de uma L2 e a do falante nativo da mesma língua, assim como demonstra que certos tipos de erros são comuns na aquisição de uma L2, não importando qual fosse sua L1. Tais erros são indicadores de processos desenvolvimentais encontrados na aquisição tanto da língua L1 quanto da L2. Mesmo o aprendiz que recebe instrução formal com ênfase na gramática, passa pela mesma sequência desenvolvimental, fazendo os mesmos tipos de erros do aprendiz que adquire a L2 em contexto natural, e o tempo que vai gastar em cada estágio de desenvolvimento vai depender das características linguísticas de sua L1.

O resultado da análise dos erros foi que muitos deles eram similares àqueles produzidos por crianças, que, por transferência de aprendizagem, estavam adquirindo a L2 como L1, levando à conclusão que o modo como o aluno é ensinado o leva ao erro ou a uma supergeneralização, e acontece quando ele generaliza o uso de uma regra para outros itens que não seguem a mesma regra.

Na aprendizagem da língua italiana por brasileiros e vice versa, a transferência opera tanto nos frequentes empréstimos linguísticos quanto na morfossintaxe, provocando alterações estruturais, algumas das quais se podem observar nos estágios de interlíngua. De fato, por as duas línguas serem de origem neolatina e apresentarem bastantes semelhanças, seja no campo lexical, seja no morfológico e sintático, se pensa, erroneamente, ser bastante fácil tanto a aquisição quanto a tradução de qualquer umas delas, sem levar em conta as armadilhas que podem aparecer na interlíngua, isto é, no momento do processo de aquisição/aprendizagem em que as duas línguas entram em contato, e cujos erros podem causar níveis de fossilização bastante acentuados.

É claro que, no primeiro momento em que se fala, se escreve ou se traduz uma língua estrangeira, até mesmo quando o ensino desta é do tipo comunicativo, se tende a fazer transferências da língua materna para a estrangeira, transferências essas que se tornam interferências e que constituem erros mais ou menos graves.

Tais interferências acontecem especialmente em nível semântico devido à semelhança formal de palavras ou às expressões da língua nativa com termos da língua estrangeira. Tomemos como exem-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

plo a palavra italiana *squisito*, vocábulo originário do latino *exquisitus*, que significava excelente, agradável, precioso, elegante, distinto, assim como em italiano, ao passo que em português quer dizer *estranho*, e *estranho*, do latino *extraneus*, em italiano quer dizer *strano*, *estraneo*, *straniero*.

Sabemos existirem vários estudos e várias definições a respeito de tais fenômenos de transferência:

[...] dentre elas a de Lado (1971) que a considera *uma dificuldade adicional em aprender um som, palavra ou construção numa segunda língua como resultado de diferenças com os hábitos da língua nativa*. (ALVAREZ, 1998, p. 236)

Nos estudos de ensino/aprendizado de línguas, assim como nos de ensino de tradução, e conseqüentemente na linguística voltada à apreensão e à tradução de uma língua estrangeira, o conceito de interlíngua é visto em paralelo aos conceitos de *interferência*, *transferência* e *fossilização*, fenômenos que ocorrem na *interlíngua*.

A *interlíngua* é o sistema de transição criado por um falante ao longo de seu processo de assimilação de uma língua estrangeira, e a linguagem por este produzida a partir do início do aprendizado, caracteriza-se pela interferência da língua materna, que ocorre durante todo o tempo de sua apreensão, até o aprendiz alcançar seu potencial máximo de aprendizado da língua estrangeira, porque, inevitavelmente formas da língua materna aparecerão no novo linguajar por ele usado.

De acordo com Harpaz (2003), quem aprende uma segunda língua, além de ter que executar seqüências de operações mentais (estruturar ideias) e motoras (articular sons) novas, precisa também evitar os velhos hábitos da língua materna, pois as operações relativas à língua mãe estão profundamente enraizadas pela prática constante, sendo muito difícil de serem evitadas. Por esta razão a ocorrência e a persistência de fenômenos de interlíngua são significativamente maiores em adultos do que em crianças, sendo quase normal que adultos aprendizes de línguas estrangeiras usem formas da língua materna, tanto no que se refere à pronúncia quanto à estruturação de suas ideias em frases. Em crianças este problema é muito menor porque seus hábitos linguísticos ainda não estão tão desenvol-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

vidos e enraizados e também porque as crianças não têm ainda a iniciação que caracteriza o adulto, novo falante de uma língua estrangeira.

A *transferência* é o aproveitamento de habilidades linguísticas prévias durante o processo de assimilação de uma língua estrangeira, que, geralmente, ocorre quando se aprendem e se falam línguas com alto grau de semelhança, isto é, quando formas de uma língua são transportadas para outra, causando desvios perceptíveis no âmbito da pronúncia, do vocabulário, da estruturação de frases, seja no plano idiomático seja no cultural. Dependendo da intensidade de exposição à língua estrangeira, bem como do modelo de *performance* ao qual o aprendiz estiver exposto, sua interlíngua será mais ou menos acentuada apresentando um maior ou menor grau de *interferências* da língua materna. É, a interferência, a principal característica da *interlíngua* e da *fossilização*. Se a intensidade de exposição à língua estrangeira for insuficiente, a interlíngua persistirá por mais tempo, causando uma tendência maior à *fossilização* dos desvios.

A *fossilização* ou *crystalização* refere-se aos erros e desvios no uso da língua estrangeira, internalizados e difíceis de serem eliminados porque as necessidades de comunicação na língua estrangeira enfrentadas pelo aluno podem ter exigido uma frequente produção de linguagens imprecisa, que se manifesta também nas simplificações, empréstimos e decalques semânticos e sintáticos quando da apreensão de uma língua estrangeira. O mesmo acontece na tradução e/ou versão entre duas línguas, e se não for contrabalançada e sobrepujada por *input* autêntico, acabará causando uma internalização prematura de formas da interlíngua.

É lógico que na prática alternada de duas línguas ocorram fenômenos de interferência. Como italianos falantes de português, já passamos por este momento de interlíngua e nos pareceu interessante observarmos tais fenômenos no texto *corpus* deste nosso trabalho – utilizado em aulas de tradução – que apresenta a linguagem de um brasileiro, falante de italiano.

O texto que analisaremos é *Francesco de Roma*, discurso proferido, em italiano, por Chico Buarque de Hollanda, quando recebeu, pelo Prefeito de Roma, Francesco Rutelli, o prêmio Roma-Brasília, Cidade da Paz, cuja tradução foi feita por um jornalista brasileiro, correspondente em Roma do Jornal do Brasil.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Veremos como na tradução deste brasileiro a L1 nos aparece “transformada e transtornada” pelo uso constante e alternado da L1 e da L2, cuja interferência linguística da L2 sobre a L1 lhe faz cometer erros que se apresentam a nível fonológico, lexical e morfológico.

A respeito de fenômenos de atritos linguísticos Seliger diz que estes se apresentam em um estágio avançado de bilinguismo, isto é, quando a L2 adquirida pelo bilíngue causa interferências sobre a L1.

O domínio das relações entre línguas pode mudar de forma tal que a língua hospede, ou língua materna, é enfraquecida pela aumentada frequência de uso e de funcionalidade da segunda língua (BIZZONI, 1998. Tradução nossa).

E é este o caso do sujeito acima citado, bilíngue, que trabalhava na Itália e que, como jornalista brasileiro, devia demonstrar o domínio da língua portuguesa, além de um bom conhecimento da língua italiana para poder informar aos leitores brasileiros fatos ocorridos na Itália.

A grande similitude entre as duas línguas, no texto *Francesco de Roma*, lhe fez cometer: generalização de regras, erros no sistema lexical (apresentando a mais alta frequência de ocorrências), extensão de significados, tradução literal, e erros pertencentes ao sistema fonológico:

Tinha oito anos em fevereiro de 1953, quando desembarquei em Roma com minha mãe e tantos irmãos. Meu pai estava aqui há alguns meses, como professor de estudos brasileiros. Recordo-me de que era já noite funda quando entramos no *palazzo* (como os italianos chamam os antigos edifícios) da *Via San Marino*, que papai nos tinha descrito nas suas cartas. Achei o apartamento um tanto grande demais, muito velho, muito escuro, muito úmido. E tinha um problema com o aquecimento. Naquela noite, vestido como o capote, debaixo dos cobertores, fiquei imóvel na cama, os olhos abertos.<sup>36</sup>

Desde o início do texto notamos a interferência da língua italiana, apesar do Chico Buarque estar usando um registro mais recor-

---

<sup>36</sup> BUARQUE CHICO – *Jornal do Brasil*, 11/04/2000. Discurso escrito em italiano e lido por Chico Buarque de Holanda, no dia 31 de março, ao receber o Prêmio Roma-Brasília, Cidade da Paz, conferido pelo prefeito de Roma Francesco Rutelli. A versão do italiano para o português foi feita por Araújo Netto, correspondente do JB em Roma.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

rente na linguagem literária do Brasil, aparentemente incomum em um texto deste gênero, isto é, um discurso de agradecimento por estar recebendo um prêmio.

Já neste primeiro parágrafo podemos observar muitas repetições, geralmente usadas na língua italiana falada: “*Tinha* oito anos...”, “...que papai nos *tinha* descrito nas suas cartas...”. E, ainda: “...  *muito* velho,  *muito* escuro,  *muito* úmido”. Logo depois encontramos “...com minha mãe e  *tantos* irmãos...”: em português diríamos  *muitos*, e aqui poderia ainda ser “... *vários* irmãos”.

A expressão italiana “*notte fonda*”, foi traduzida com as mesmas palavras: “*noite funda*” quando deveria ser “*madrugada*” ou “*tarde da noite*”, e a palavra “... *palazzo* da Via San Marino” poderia ter sido traduzida como *prédio*, não tendo a necessidade da explicação entre parênteses. “Achei o apartamento *um tanto grande demais*...”, poderia ser “*um pouco grande*”, “*ou bastante grande*”. E sempre neste mesmo parágrafo podemos observar: “... *vestido com o capote*”, que deveria ser “...de capote (eliminando *vestido*)”.

No dia seguinte, já tinha sol no jardim da casa e tudo era novidade. Tinha a *pastaciutta*, o copo de vinho, a Via Nomentana, Villa Torlonia, Porta Pia, o ônibus pela Piazza Fiume, tinha o Cine Capranica, o Cine Capranichetta, tinha a Lollobrigida, tinha *Pane amore e fantasia*. E eu corria em bicicleta pelo Viale Gorizia, brincava com novos amigos, aprendia belas palavras, como *cálcio di rigore* (pênalt), *rovesciatta* (rebateda), Sampdoria (clube de Gênova), Sentimenti IV (goleiro do Juventus), e palavras que ensinava às minhas irmãs. Minha mãe conhecia bastante bem o italiano, mas não os jogadores de futebol e os palavrões, e meu pai tinha um certo acento napolitano, porque imitava Roberto Murolo ao cantar *Anema e core*. Papai tinha também uma professora de italiano, e eu me lembro bem do dia em que a apresentou à família, mais ou menos com o mesmo orgulho com que tinha nos introduzido naquele *palazzo* frio, empoeirado e meio arruinado. A *signorina*, porém, era muito jovem, viçosa, luminosa, a pele muito clara, os cabelos muito negros, os olhos enormes, e ao olhá-la compreendi logo a palavra *desiderio* (desejo).

“No dia seguinte,  *já* tinha sol no jardim da casa...”: já é uma transliteração da construção sintática do italiano “*c’era già*” para o português. “*Tinha a pastaciutta*... (está errada no italiano, porque assim escrita, daria até outra pronuncia por estar faltando o *s*, que produziria o som “*chi*” ou “*xi*” em português)...”. “E eu corria  *em* bicicleta...”: em português se corre  *de* bicicleta. “... aprendia belas palavras como,  *calcio di rigore, rovesciatta* (esta palavra, escrita com

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

dois *t*, não existe em italiano) (rebatida)...”. “Minha mãe conhecia *bastante bem* o italiano...”: mais nos parece um cruzamento sintático por ser a fusão das construções: “muito bem” e “bastante”. “...e meu pai tinha um certo “*acento*” napolitano: esta palavra já não é tão frequente no português do Brasil, substituída por “sotaque”. “...naquele *palazzo* frio, empoeirado e meio *arruinado*”, esta última palavra é a tradução *ipsis litteris* da palavra italiana “*rovinato*” e achamos que seria melhor usar o termo “*decrépito*”, pois, diferentemente do que se pensa é este um termo que se aplica também à coisas e não somente à pessoas. *A signorina*, porém, era *muito* jovem, viçosa, luminosa, a pele *muito* clara, os cabelos *muito* negros...”, mais uma vez há várias repetições.

Tinham me explicado que a Itália era um país pobre, apenas saído de uma guerra atroz. Não nos faziam estudar numa escola italiana porque o ensino não era satisfatório, assim diziam. Fomos matriculados na *Notre Dame International School*, e eu pensava sempre no meu pai que, vindo de tão longe, talvez não fosse um professor satisfatório ou dava lições numa escola atroz. A minha era uma escola onde se falava em inglês, lia-se Mark Twain e se jogava beisebol. Quando a bolinha era atirada fora dos muros, coisa que acontece a cada minuto naquele esporte bizarro, cabia a mim procurá-la lá na *Via Aurelia* ou pedi-la ao jardineiro de uma casa vizinha. Quase todos os meus colegas eram meninos norte-americanos que não tinham o hábito ou a necessidade de falar a língua dos outros. Ali também fiz algumas amizades, mas na verdade não amava tanto a escola americana, porque lá dentro me sentia mais estrangeiro do que na rua. De fato, para os meus colegas, eu, um certo Francisco, originário de um vago Brasil, era italiano e me chamava Francesco. (*Idem*)

A influência da língua italiana continua bastante evidente: “...que a Itália era um país pobre, *apenas saído de* uma guerra atroz”, é a tradução de “*Appena uscito da una guerra atroce*”, e deveria ser “... que a Itália era um país pobre *recém saído...*, ou “...*que acabava de sair...*”, ou ainda “...*que mal havia saído de* uma guerra atroz”. “*Não nos faziam estudar...*”, também é tradução literal do italiano “...*Non ci facevano studiare ...*”, que poderia ser *não deixavam que estudássemos...*”. “Quando a bolinha era atirada *foras* dos muros”, que para nós deveria ser: “...quando a bolinha era atirada (*para*) além dos muros...”.

E ainda neste parágrafo há um eco desnecessário: “... procurá-la lá na Via Aurélia...”, bastava dizer “...procurá-la na Via Aurélia...”.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Em janeiro de 1969, quando voltei a Roma, reencontrei os monumentos, os *palazzi*, (porque não prédios, se já havia explicado esta palavra), as *fontanne* (mais uma vez uma palavra escrita erradamente em italiano, que se escreve somente com um *n*) (fontes), os *viali* (avenidas), tudo ali, tudo igual às minhas recordações, somente um pouco menor. Logo na primeira manhã caminhei pelas ruas da minha infância. Certo de poder rever os mesmos personagens de tantos anos atrás, talvez pequeninos eles também. Senti-me porém como o míope de Ítalo Calvino, encontrando rostos desconhecidos ou cumprimentando gente que não me respondia. À hora do almoço, perdi-me num labirinto perto do Pantheon. Vaguei pelos becos desertos, entre casas amarelas com portas e janelas fechadas, depois me encontrei numa praça com a estátua de um elefante, e à sombra da igreja tinha um *carabinière* que dormia *sentado no cavalo*. Despertei o *carabinière*, porque precisava de uma indicação, mas em seguida permaneci mudo. Vinham-me à mente palavras soltas como Sampdoria, *calcio d'angolo* (córner), e naquele momento me dei conta de que não sabia mais falar italiano. Humilhado, voltei ao hotel, onde minha mulher, grávida, falava ao telefone com o Rio de Janeiro. As notícias do Brasil não eram maravilhosas, de modo que minha permanência no exterior, prevista para três semanas, devia se prolongar por uma duração incerta. Estabeleci-me em Roma, deixando o Albergue (Hotel) Raphael por um apartamento num bairro novo que parecia mais um subúrbio do Rio.

“...reencontrei os monumentos, os *palazzi*: porque não prédios ou edifícios, se já havia explicado esta palavra), as *fontanne* (mais uma vez uma palavra italiana que se escreve somente com um *n*) (fontes)...”. “...à sombra da igreja tinha um *carabinière*...” , esta palavra italiana, como na maioria delas, não tem acento, “...que dormia *sentado no cavalo*”: o *carabiniere* não estaria dormindo montado no cavalo? “Despertei o *carabinière*, porque precisava de uma indicação...”, que em português seria informação. Estabeleci-me em Roma, deixando o Albergue Raphael...”, albergue em português, é um hotel de baixo nível, e não era este o caso de Chico.

Roma, a sentia agora mais dura, como se suspeitasse de que vivia nela pensando numa outra. Era verdade, mas ao mesmo tempo estava sinceramente decidido a não pensar mais na minha cidade. O meu coração queria pensar em Roma, somente Roma. Gravei um disco em italiano quase sem acento, fui à rádio e à televisão, cantei no meio da Piazza Navona, mas Roma não me compreendeu. Inventei um samba em dialeto romanesco, mas Roma não é boba. Disse a Roma que no Rio não me queriam, disse-lhe que não podia viver assim no ar, sem uma cidade. Era ridículo, queria desesperadamente que Roma me aceitasse. Então ofereci a Roma a minha primogênita.

Neste trecho reaparece a tradução de *accento* – do italiano *accento* – ao invés de *sotaque*.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Minha filha Sílvia nasceu romana no fim de março, e Roma mandou à Clínica Moscati dois poetas. Vinicius de Moraes fez uma enfermeira gravar o primeiro choro da criança. E à mãe ainda adormecida Giuseppe Ungaretti dizia “Bella!, bella!”. Depois Roma me acolheu no *Piazzale Flaminio*, num apartamentinho com um balcãozinho de onde se via a *Villa Borghese*. Dali saía a pé pela *Via del Corso*, *Piazza Colonna*, o *Cine Capranichetta* e daí pela *Via Tritone*, *Fontana di Trevi* e o restaurante *Al Moro*, do qual numa noite vi sair *Federico Fellini* e emudeci, porque me pareceu que viesse a cavalo. No fim Roma me deu poucos amigos, mas amigos feitos como Roma, para sempre. Nesta cidade vivi ainda um ano e meio, e aqueles não podiam ser os tempos mais felizes da minha vida. Mas com o consenso de Roma, nela vivi um tempo que, em outra parte, talvez teria sido invivível.

Achamos que o texto traduzido continua a ser marcado pela língua italiana, usada por Chico. De fato, o início deste parágrafo poderia ser mudado por “... e Roma mandou à Clínica Moscati dois poetas: Vinicius de Moraes, *que fez uma enfermeira gravar o primeiro choro da criança e Giuseppe Ungaretti, que dizia à mãe ainda adormecida: “Bella!, bella!”.*

“...um *apartamentinho* com um *balcãozinho*...”, em português diríamos “...em um *apartamento pequeno com uma varandinha*...”.

“...e aqueles não podiam ser os tempos/momentos mais felizes da minha vida”, não seriam os momentos mais felizes..., ou “...e aquela não poderia ser a época mais feliz de minha vida?”

E no final do parágrafo “... em outra parte talvez tivesse sido *invivível*...”: esta palavra não existe em português e se quisesse manter a palavra italiana *invivibile* deveria vir entre aspas, ou poderia ter sido traduzida com *insuportável*.

Em *Fiumicino* (aeroporto romano), o policial olha e torna a olhar cada folha do meu passaporte, sacode a cabeça, procura o meu nome no computador, chama alguém pelo telefone. Já esperava toda essa operação. Estamos já num país rico, e o meu documento é sempre aquele de um cidadão sul-americano. Fecha o passaporte, reabre o passaporte, me observa e observa a foto, na qual nem eu mesmo me reconheço, porque me vejo com a cara de meu pai quando veio ensinar na Universidade de Roma. “Músico”, exclama enfim o policial, e de repente se põe/começa a tocar um tambor imaginário. Revela-me que ele também é um contrabaixista diletante, e me restitui o passaporte dizendo-se um fã de nossa música, a música étnica. “*Música latina*”, acrescenta, e me diverte saber que no coração do Lácio se chama latina uma música tão estranha. Giro agora pelo aeroporto que não recordava tão grande. Depois de 30 anos o ampliaram, sem dúvida, mas é possível também que com o tempo os ob-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

jetos da memória comecem a comprimir-se, como se estivessem dentro de um ônibus superlotado. Quando consigo pegar minha maleta, que rodava também solitária no aeroporto, me vejo diante de uma jovem com um sorriso que me é familiar. É uma *signorina* tão viçosa, tão luminosa, com a pele tão clara, os cabelos tão negros, os olhos tão grandes, que poderia ser uma *professoressa* de italiano. Mas, ao contrário, é a agente de turismo que me pergunta “*May I help hou?*”. “No grazie”, le dico, “il mio nome è Francesco.

“Em *Fiumicino (aeroporto romano)*”, deveria ser “*No aeroporto romano de Fiumicino...*”. “*Já esperava toda essa operação...*”, é a tradução de “*Giá mi aspettavo tutta quest’ operazione...*”, e poderia ser “*Já esperava todo esse procedimento*”.

“Estamos *já* num país rico...”: o termo *já* não traduz a palavra *ormai*, que se explica somente na língua italiana, e que, neste contexto deveria ser *agora*, ou *então* (no sentido deste momento).

“*Giro* agora pelo aeroporto...”, em português se diria “*Agora passeio* pelo aeroporto”, ou “*Agora dou uma volta* pelo aeroporto...”

“Quando consigo pegar minha *maleta...*”, normalmente com a palavra “*maleta*”, definimos o objeto que usamos para levarmos documentos e similares e para viajarmos usamos uma *mala*, ou uma *pequena mala*, isto é, a *bagagem*.

Enfim, é claro que o texto foi entendido pelos brasileiros que o leram, primeiramente porque estavam interessados com o discurso do amado Chico Buarque e não com a forma como a informação era apresentada; e também porque esta estava sendo fornecida por um jornal, mídia utilizada para quem lê o jornal não para criticar seu conteúdo mas para ler as notícias que este lhe fornece.

À guisa de conclusão, retomemos o título, Francesco de Roma que nos parece equivocado porque *Francesco* deveria estar em itálico, ou com a preposição *di*, também em itálico.

Na análise do texto encontramos fenômenos de interferências devidos à interlíngua falada – em nosso caso, escrita – pelo brasileiro, falante de italiano como L2, que escreve em português, sua L1, cujo texto foi traduzido com o título “*Francesco de Roma*”.

Foram fenômenos de interferência da interlíngua, causados pelo uso constante e alternado da língua portuguesa do Brasil e da i-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

taliana? Foi o querer manter a fidelidade ao texto do Chico? Foi distração? Ou foram “erros” de editoração?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. *Conflitos e incertezas do professor de língua estrangeira na renovação de sua prática na sala de aula*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1996.

AGUIAR, Maria Arminda de Sousa. Tradução: da teoria à prática. *Elos*, nº 2. Rio de Janeiro, 1980, p. 49-62.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. A fusão da gramática com a coerência comunicativa. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 5-6, p. 7-15, 1985.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. O fenômeno da transferência na aprendizagem de expressões idiomáticas. In: CAPRARA, Loredana de Stauber e ANTUNES, Letizia Zini. (Orgs.). *O italiano falado e escrito*. São Paulo: Humanitas Publicações, dezembro/1998.

AUBERT, Francis Henrik. *As (In)fidelidades da tradução*: Servidões e autonomia do tradutor. Campinas: UNICAMP, 1994.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

BERMAN, Antoine, *A prova do estrangeiro*. São Paulo: EDUSC.

BIZZONI, Franca e FINA, Anna de. Mutamenti morfosintattici e lessicali nell'italiano parlato in Messico. In: CAPRARA, Loredana de Stauber e ANTUNES, Letizia Zini (Orgs.). *O italiano falado e escrito*. São Paulo: Humanitas, 1998.

CAMPOS, G. *O que é tradução?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

FIGUEREIDO, F. J. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. Goiânia: UFG, 1997.

HARPAZ, Yehouda. Myths and misconceptions in Cognitive Science. In: *Human Cognition in the Human Brain*. <<http://human-brain.org/myths.html>>. Consultado em 1-11-2003.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução: do sentido à significância*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.

MACHADO, R. O. A questão da fala facilitadora na licenciatura em línguas estrangeiras. Implicações para a formação do professor. In: *Contexturas* Nº 1, p. 55-63, 1992.

MARTINS, Claudia de Rezende & CORREA, Angela. Estratégias do processo tradutório. In: *Estudos de tradutologia*, vol. 1, Brasília: Kontakt, 1981.

MORTARA, Marcella. A armadilha da facilidade. In: *Limites da traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1966.

PAES, José Paulo. *Tradução, a ponte necessária*. Aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SELIGER, Herbert W. e VAGO, Robert Michael. *First Language Attrition*. Edited by Herbert W. Selinger and Robert M. Vago – Library of Congress cataloguins in publication data – Cambridge University Press, 1991.

SPINELLI, V. e CASASANTA, M. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-Italiano*. Milano: Ulrico Hoepli, 1985.